

Conhecimento e significado como tradução: seu papel no ensino de metodologias de pesquisa em ciências sociais

Eva Machado Barbosa¹

I. INTRODUÇÃO

Este texto nasceu do desejo de compartilhar algumas reflexões, elaboradas a partir de minha experiência docente, sobre a íntima conexão existente entre os atos de conhecer e traduzir, tal como ela se revela no domínio da pesquisa científica e especialmente no ensino de disciplinas preparatórias a esta atividade. Refiro-me a disciplinas de caráter instrumental como a Epistemologia, a Metodologia de Pesquisa e os chamados Seminários de Projeto, com as quais trabalhei em diferentes cursos de mestrado e doutorado na área das ciências sociais básicas e aplicadas.

Essas disciplinas lidam com o ensino de um processo muito específico - o de produzir conhecimentos científicos novos - e sua finalidade primeira é introduzir os estudantes ao que MORIN (1987) chama de "o conhecimento do conhecimento"; ou seja, à problemática do que é conhecer e do como conhecer. Como disciplinas preparatórias, elas constituem um pré-requisito para as atividades de pesquisa propriamente ditas, que os estudantes deverão desenvolver nos seus respectivos programas de pós-graduação, tendo como produto final teses e dissertações. Tomando por base a experiência acumulada no ensino dessas disciplinas, o objetivo desta pequena contribuição é evidenciar como a capacidade de traduzir - antes de chegar a ser uma qualificação profissional específica restrita ao campo linguístico-literário, como poderia parecer à primeira vista - desempenha papel central no campo do conhecimento científico. Isso porque, constituindo uma operação cognitiva básica do ser humano, inerente a todas as suas formas de expressão e comunicação, a tradução está no cerne do problema da representação e, portanto, do conhecimento.

Dois grandes cientistas sociais nos serviram de guia nesse percurso reflexivo: EDGAR MORIN e CLAUDE LÉVY-STRAUSS; e gostaríamos de iniciar citando duas de suas idéias que estiveram em nosso ponto de partida. De

¹ Professora do Departamento de Sociologia do IFCH/UFRGS e dos Programas em Sociologia e Planejamento Urbano e Regional. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Bielefeld, Alemanha.

MORIN queremos retomar a idéia de que “o problema do conhecimento encontra-se no cerne do problema da vida” (1987:39), transpondo-a em seguida para o entendimento da relação entre conhecimento e tradução. Parafraseando o autor, gostaríamos de afirmar que, de acordo com nossa experiência e de forma análoga à relação entre conhecimento e vida, **o problema da tradução está no cerne do problema do conhecimento.** De LÉVI-STRAUSS tomamos de empréstimo o entendimento da questão do significado: “*Que é que significa o termo “significar” ?*”, pergunta o autor. Para a seguir responder: “*Parece-me que a única resposta que se pode dar é que “significar” significa a possibilidade de qualquer tipo de informação ser traduzida numa linguagem diferente. Não me refiro a uma língua diferente, como o francês ou o alemão, mas a diferentes palavras num nível diferente. (...) E porque não se pode substituir uma palavra por qualquer outra palavra, ou uma frase por qualquer outra frase (arbitrárias), tem de haver regras de tradução. Falar de regras e de significado é falar da mesma coisa ...*” (1989:24). Palavras às quais nos atrevemos a acrescentar as seguintes: **falar de regras de tradução e, pois, de tradução, é falar de significar; é falar, portanto, de entender, de conhecer.**

II. METODOLOGIA DE PESQUISA: CONHECIMENTO COMO TRADUÇÃO

Na metodologia de pesquisa trabalha-se continuamente com a produção de cadeias ou sequências de traduções, embora raramente se tome consciência desse fato. Nessa e em disciplinas semelhantes, trata-se basicamente de ensinar aos alunos como lidar com pelo menos duas sequências de traduções, processadas ao longo de uma escala de níveis de abstração, tendo como ponto de partida o tema ou objeto de investigação que lhes interessa, **tal como eles o percebem naquele momento inicial** da aprendizagem. Esse tema de investigação poderá ser, p. ex., entender como é possível que, num país tão rico como o Brasil, existam menores abandonados, vivendo nas ruas. A tarefa é, então, a de ensinar como transformar este, ou outros interesses de conhecimento, através de um processo contínuo de “tradução”, em objeto de investigação científica.

Em que consiste o processo acima? Fundamentalmente em desdobrar o tema de estudo em problema de investigação, hipóteses, indicadores, variáveis, dados e informações dos mais diferentes tipos, os quais, com o auxílio de procedimentos adequados de coleta e análise de dados, serão processados e “re-traduzidos”, tendo como resultado final a produção do conhecimento novo sobre o tema. Este surgirá na forma de sínteses compreensivas, com o auxílio das quais o pesquisador voltará ao ponto de partida. Mas, desta vez, equipado com uma espécie de raio-x teórico-conceitual que o habilita a perceber, através da aparência opaca da realidade empírica imediata, as múltiplas dimensões e significados nela contidos ou “dobrados”, para usarmos a expressão de BOHM (1992).

A principal diferença entre este e outros tipos de tradução, não reside, contudo, na linguagem utilizada, mas sim na **regra da tradução**. Esta decorre do

objetivo específico que se busca alcançar; ou seja, identificar em que medida determinados fenômenos da vida social, na aparência tão díspares ou distanciados, podem constituir aspectos ou formas de manifestação de uma única e mesma problemática e, se for o caso, serem vistos como traduções recíprocas uns dos outros. Basta, para isso, que se aceite o postulado metodológico, já enunciado por MARX, segundo o qual a tarefa da ciência é justamente compreender porque, em cada caso histórico concreto, determinados conteúdos assumem determinadas formas (BACKHAUS, 1972). E, a partir dele, que se procure determinar **se e quais** formas de expressão do fenômeno em investigação podem ser consideradas como um conjunto de possíveis traduções da problemática, correspondentes a seus diferentes níveis de organização e complexidade na realidade.

A regra desse tipo específico de tradução é aqui, portanto, a do estabelecimento de um sistema de correspondências entre (a) os diferentes níveis de organização e complexidade dos processos reais, por um lado; e, por outro, (b) as diferentes escalas ou níveis de abstração em que os mesmos podem ser expressos e tratados, de forma teórica, conceitual e analítica, no interior do processo de produção do conhecimento científico. Trata-se, em suma, de processar os dados empíricos referentes à questão ou tema que está no ponto de partida da investigação, utilizando uma cadeia de instrumentos analíticos e conceituais adequados a distintos graus de generalidade ou abstração, de tal forma que os resultados desse processamento, embora equivalentes entre si em termos de significado, forneçam traduções ou “leituras” diferenciadas, que permitam rastrear as diferentes formas pelas quais aquele mesmo significado se expressa e pode ser localizado no mundo. Estaremos, portanto, traduzindo no interior de um mesmo idioma – do português para o português, p. ex. – mas numa linguagem formulada de modo a permitir traduções entre **escalas ou níveis de abstração**. As palavras ou conceitos do idioma, como veremos a seguir, serão utilizados nesse processo para realizar uma multiplicidade de tarefas.

III. REGRAS E OPERAÇÕES DE TRADUÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA

Tendo como ponto de partida o tema que se deseja investigar, a primeira tarefa exigida em qualquer projeto de pesquisa é a de uma dupla codificação: teórico-conceitual, por um lado; e empírico-descritiva, por outro. Sendo assim, é preciso iniciar definindo com precisão o todo maior ao qual está filiado, do ponto de vista lógico e teórico, o caso empírico sob investigação. Dependendo da matriz teórica adotada pelo pesquisador, essa codificação poderá levar a diferentes soluções. No caso que escolhemos para ilustração, poder-se-ia ver a problemática da exclusão social, p. ex., como sendo esse todo mais amplo, do qual a questão dos meninos de rua faria parte. Esta premissa, no entanto, impõe como tarefa subsequente a de caracterizar descritivamente as formas através das quais a exclusão se manifesta na realidade social concreta, em diferentes escalas ou níveis de abstração.

O caso “meninos de rua” só poderá ser visto como parte do processo mais amplo de “exclusão social” depois de determinado o que é que caracteriza a exclusão social e os “excluídos”; já que somente deste modo será possível certificar-se de que os mesmos componentes, estabelecidos teoricamente como centrais ao fenômeno mais amplo, também estão presentes no caso empírico particular sob investigação, que o expressa ou “traduz”. A tradução, nessa etapa inicial do projeto, tem por objetivo, portanto, estabelecer a relação de equivalência, ou correspondência, entre nível de abstração e forma de expressão empírica do fenômeno, consistindo esta espécie de “catalogação” uma tarefa interna a cada forma e nível.

A etapa subsequente é a de ordenar os níveis de abstração do fenômeno com o auxílio de uma escala conceitual, que vá do maior ao menor grau de generalidade; procedimento que ordenará, simultaneamente, as diferentes formas de expressão empírica correspondentes. A uma sequência ordenada de níveis de abstração corresponderá, assim, uma outra, também devidamente ordenada, de formas de manifestação do que se está buscando compreender. Estabelecida essa dupla cadeia hierárquica, está praticamente pronto o sistema de correspondências e equivalências que permitirá identificar - por trás das diferentes formas de manifestação e apesar de sua variedade - os distintos níveis ou patamares de abstração, nos quais o mesmo fenômeno ou significado está sendo captado ou interpretado. Assim, p. ex., entre o conceito genérico de exclusão social e o caso menor, mais concreto e particular, dos meninos de rua, encontra-se sem dúvida um patamar intermediário, onde o mesmo fenômeno poderá ser captado à luz das condições de reprodução social de um segmento mais amplo da população - as famílias pobres das grandes cidades - indicadas, entre outras, por variáveis como renda, educação, saúde e moradia.

Concluída a tarefa acima, as diferentes formas e níveis de manifestação do fenômeno poderão ser tratadas como uma cadeia de traduções recíprocas, com o auxílio da qual o significado do que está em jogo no processo de pesquisa pode ser, finalmente, detectado em suas várias escalas ou modalidades de existência. A mesma realidade estrutural de significado - até então desaparecida nos distintos níveis de organização e complexidade de suas manifestações empíricas - pode, finalmente, ser reconhecida. Esse processo singular de produção de conhecimento científico terá, então, completado seu ciclo. E, tendo resultado numa nova compreensão do problema inicial, como caso particular de uma realidade geral, mais ampla, terá também cumprido integralmente sua função. Já que, como diz BOURDIEU, “a intenção de generalização (...) é a própria ciência...” (1989:32).

Cada futuro pesquisador defronta-se, nas disciplinas metodológicas, com a tarefa de elaborar um projeto de pesquisa. Vale dizer, antecipar o processo de pesquisa em sua integralidade, planejando as diferentes etapas do trabalho de investigação e as tarefas específicas a serem realizadas em cada uma. Na prática, para realizar essas tarefas o pesquisador terá de movimentar-se, com grau maior ou menor de êxito, ao longo de uma cadeia de traduções, nos moldes acima

apresentados. Nos casos mais simples, de projetos de caráter descritivo ou de problemáticas mais conhecidas, pode ocorrer que sua tarefa se reduza a percorrer uma sequência de níveis ou escalas de abstração, cujas “traduções”, conceituais e em termos de referenciais empíricos, já estejam solidamente estabelecidas, testadas e prontas para serem utilizadas. Mas nos casos mais complexos, como em projetos de natureza explanatória e/ou muito inovadores, a tarefa será mais árdua, já que o processo de seleção dos instrumentos empíricos e conceituais do projeto de pesquisa incluirá a necessidade de identificar uma nova sequência de níveis de abstração, bem como a de estabelecer entre eles uma nova cadeia de traduções para o significado compartilhado.

No processo de desenvolvimento dessas sequências ou cadeias de significado, o pesquisador pode utilizar duas diferentes trajetórias. A primeira é geralmente indutivista ou de sentido **ascendente**. Nela o estabelecimento da cadeia de traduções, através de operações de definição e conceituação, parte, como vimos, do tema ou “caso” empírico que se quer compreender, tendo a teoria como ponto de chegada. A tarefa inicial dessa tradução teórica e conceitual tem por objetivo identificar o significado mais profundo e até então oculto, do qual o caso empírico que constitui o foco de interesse - os meninos de rua, p. ex. - é, nesse momento, apenas um sinalizador ou aspecto fenomênico particular. O fenômeno mais geral que se quer alcançar e compreender por trás do “sinalizador” meninos de rua, pode ser, conforme já mencionamos, o da “exclusão social”. “Exclusão social” seria, portanto, uma possível **tradução**, a um nível mais elevado de abstração - vale dizer, generalizante - do caso empírico particular “meninos de rua”.

O segundo percurso, na escala de níveis de abstração e de suas correspondentes traduções, inicia-se com os resultados do primeiro. Este segundo percurso possui um caráter dedutivo-analítico, dando-se em sentido **descendente**. Identificado, no percurso ascendente, o caso geral ao qual pertence o tema de investigação particular - em nosso exemplo, o da exclusão social - começa, então, a descida de volta ao universo empírico de origem. No momento inicial da descida, a tarefa do futuro pesquisador é a de decompor analiticamente o caso geral nos seus aspectos ou partes constituintes menores e, logo a seguir, a de operar um recorte no conjunto de possibilidades que se abrem à investigação. O objetivo dessa dupla operação, de decomposição e recorte, é o estabelecimento de um problema de pesquisa bem definido e limitado, que funcione como uma espécie de ponte lógica entre a teoria e o problema empírico da pesquisa. Este, uma vez formulado, dará início a **uma nova sequência descendente**, mais profunda, agora com objetivos operacionais ainda mais específicos e rigorosos.

Transformar o que no início parece ser uma ótima idéia, apesar de um pouco vaga ou ampla demais, em um problema de pesquisa formulado com o máximo de precisão possível, é - como sabem aqueles que já passaram pelo processo - talvez a mais árdua de todas as tarefas de um projeto. Aqui o desafio é o de sintetizar a hipótese central do estudo sob a forma de uma pergunta, a qual, se

bem formulada, apontará o rumo da investigação, antecipando o que se espera encontrar e, possivelmente, o percurso que deverá ser percorrido para que tal aconteça. Continuando com o exemplo dos meninos de rua, vejamos a seguinte formulação de um possível problema de pesquisa: “Meninos de rua são apenas crianças oriundas de famílias muito pobres e, portanto, socialmente excluídas? Ou crianças provenientes de determinados padrões familiares, afetados de uma maneira específica pela pobreza e pela exclusão social?”

Na questão acima, a referência a padrões familiares, afetados de um determinado modo pelo processo de exclusão social, já sugere que não se espera encontrar uma relação direta ou quase automática entre os níveis de pobreza das famílias e a produção social desse grupo social específico que são os meninos de rua. Ao contrário, ela indica que padrões familiares são vistos como um fator mais decisivo para originar os meninos de rua do que a pobreza de suas famílias; ou seja, do que as condições puramente materiais de vida dessas famílias. Nesse caso, a exclusão social não seria percebida como um efeito direto da pobreza, mas, de forma mais elaborada, como um processo no qual condições de pobreza provocariam efeitos diferenciados sobre padrões familiares distintos. Assim, segundo a expectativa do estudo, nem todas as famílias pobres necessariamente estariam na origem de meninos de rua.

Implícito estaria acima também o rumo a ser tomado pela investigação: coletar dados que possibilitassem identificar a existência de padrões diferenciados entre famílias pobres e, a seguir, detectar que padrões estariam ou não associados aos meninos de rua. Do êxito dessa hipótese inicial e dos resultados encontrados decorreria o próximo passo da pesquisa: tentar responder à pergunta explanatória “por que é assim?”. Ou seja, buscar explicar por que o padrão familiar “X” estaria relacionado ao surgimento dos meninos de rua e o padrão “Y” não. O que, por sua vez, poderia levar a um esforço ainda mais específico para entender que fator se esconderia no padrão “X”, e não nos demais, de modo a que somente ele estivesse envolvido na gênese dos meninos de rua. Atingido esse último resultado, poderíamos não só entender o significado mais profundo da relação entre esse fator e o duplo problema, social e de investigação, dos meninos de rua, como teríamos encontrado, ou produzido, uma tradução recíproca entre eles. Doravante, o fator poderia ser captado através de sua manifestação no “caso” meninos de rua; e, em sentido inverso, o problema social meninos de rua poderia ser expresso em termos daquele fator.

Nessa segunda etapa da descida, o futuro pesquisador terá chegado à tarefa de identificar, sucessivamente, um conjunto de tradutores: (a) os conceitos que utilizará para traduzir o problema de pesquisa na linguagem técnica da investigação; (b) as variáveis por meio das quais os conceitos serão, por sua vez, traduzidos; (c) os indicadores utilizados para traduzir as variáveis; (d) os tipos de dados que serão necessários para traduzir os indicadores; e, por último, (e) as fontes de informação e técnicas de coleta necessárias para a obtenção dos dados empíricos últimos; ou seja, aqueles que, situados ao pé da escala de graus de

abstração, servirão de base alimentar para as sucessivas elaborações analíticas e conceituais dos degraus superiores. É desse pacote de traduções sequenciais, produzidas de forma explícita e intencional, que surge a “matéria” da qual serão constituídas a síntese compreensiva final e a visão de raio-x, das quais falávamos no início deste texto. Característico dessas traduções é o fato de serem determinadas por exigências conceituais e analíticas decorrentes da matriz teórica adotada e estabelecidas com o auxílio de procedimentos de pesquisa metodologicamente rigorosos e precisos.

IV. FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA TRADUÇÃO NA PESQUISA CIENTÍFICA

A relação entre níveis de complexidade da realidade empírica e escalas ou níveis de abstração teórico-conceitual, acima estabelecida, não é, obviamente, uma postulação arbitrária ou casual. Deriva, ao contrário, de duas características centrais do conhecimento lógico-racional, já identificadas pelos filósofos gregos da Antiguidade. A primeira diz respeito à natureza da ciência como conhecimento do geral e do oculto, enunciado que, desde a *Metafísica* de ARISTÓTELES (1993), não deixou de ser reiterado por grandes filósofos, cientistas e epistemólogos, entre os quais gostaríamos de destacar, no século XX, BACHELARD (1984,1996) e PIAGET (1990). A segunda refere-se ao papel que a relação parte-todo desempenha no processo de conhecimento, na medida em que o todo só é alcançável pelo entendimento humano através do conhecimento da parte².

São as relações da parte com o todo e do geral com o particular que tornam possível o estabelecimento das equivalências entre diferentes modos de processar dados e de representar significados. Desde os chamados “dados primários” da pesquisa até seus conceitos mais genéricos e abstratos, passando pela construção de indicadores e variáveis, todas essas são formas de representação cumulativas, com o auxílio das quais nosso pensamento acessa partes sucessivas da realidade empírica (ordenadas, como vimos, em termos de níveis de abstração ou graus de complexidade de organização) com o objetivo de compreendê-la. Isto é, visando determinar, através da junção ou articulação significativa das partes (as representações mais particulares), qual o sentido do todo maior; ou seja, o que a representação geral, como conjunto das partes, **significa ou representa** para nós.

Essas formas de representação constituem, portanto, ao mesmo tempo resultados sucessivos e ordenados de um cálculo lógico-simbólico, podendo ser vistas, à semelhança do cálculo formal das operações matemáticas, como peças de um sistema de equações representativas particulares, interligadas através de uma regra de transformação. Essa regra, que garante a permanência do significado,

² Em nosso entendimento, somente à divindade cabe atribuir a capacidade de conhecer o todo a partir do todo. Sendo ela inalcançável para os humanos, resta-lhes contudo a possibilidade de pensá-la, por exigência lógica, através da idéia de um Deus onisciente. No âmbito da inteligência humana, encontra-se aqui, possivelmente, a função lógica dessa concepção. Ver a esse respeito BARBOSA (1998:24).

apesar da mudança de suas formas de expressão, é a regra de tradução que torna possível a equivalência de sentido entre as diferentes representações. Desse modo, ela permite **re-** ou **a-**presentar o mesmo significado em diferentes estágios de “dobramento”, para falarmos nos termos de BOHM (1992): isto é, desde a forma mais estendida ou “desdobrada” - como numa “equação-matriz” original composta de múltiplos termos - até a forma mais sintética e/ou “implícada” da equação final; da mesma maneira que a soma dos números de 1 a 100 tanto pode ser representada pela forma desdobrada (1+2+3+....+100), como pela fórmula sintética do somatório:

$$\begin{aligned} N=100 \\ \sum_{i=1} \end{aligned}$$

É justamente com base nessa característica de articulação sistêmica entre as diferentes representações ou partes do conjunto maior - decorrente do fato de elas não serem produtos de uma seleção aleatória, mas peças reunidas por meio de um cálculo lógico-simbólico, cuja regra geradora é determinada pela codificação teórica do tema inicial da investigação - que podemos identificar os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa científica como operações de tradução, análogas às que ocorrem quando traduzimos de um idioma para outro. Assim, tanto quando tentamos “medir” quantitativamente algum fenômeno social, como quando tentamos compreendê-lo através dos chamados “dados qualitativos” (isto é, informações processadas a partir de respostas discursivas a perguntas de um questionário ou de uma entrevista, p. ex., que só permitem operações classificatórias e de ordenações, mas não operações aritméticas), estamos na verdade “traduzindo”.

Além de serem utilizadas duplamente para o entendimento da realidade - ou seja, como via de acesso e como fonte de matéria prima - uma outra característica das traduções na pesquisa científica é o fato de elas serem sempre e simultaneamente assimétricas e hierárquicas: do menor para o maior, ou do mais particular ao mais geral. Assim, se forem expressas como igualdades de significado entre dois termos, elas serão sempre compostas de um termo teórico-conceitual, forçosamente mais genérico; e de um correspondente termo empírico, necessariamente mais particular. Desse modo, formarão uma sequência ou cadeia de significado a ser percorrida nos dois sentidos da escala de complexidade do real; independente de o ponto de partida estar na ascensão, rumo ao geral, ou na descida, rumo ao particular. Implícita na relação assimétrica dessas traduções, encontra-se uma relação lógica fundamental de assimetria entre a concepção teórica, genérica e maior, que funciona como princípio explicativo, e o caso empírico, particular e menor, que depende dela para ser explicado.

Em decorrência dessa última assimetria, se o caso particular, enquanto parte, pode ter seu significado “traduzido” ou elucidado pelo processo mais amplo, a relação inversa não é necessariamente imprescindível e/ou verdadeira. No exemplo que utilizamos, o entendimento do problema social dos meninos de rua depende de compreendermos sua vinculação à problemática mais geral da exclusão social, a qual pode ser vista como seu “tradutor” de maior escala. O entendimento da exclusão social, contudo, pode prescindir desse aspecto particular relacionado aos meninos de rua, uma vez que o significado do fenômeno geral também pode ser alcançado por meio de vários outros “tradutores” menores, relacionados a características e aspectos de outros segmentos da população pobre, que não especificamente o dos meninos de rua. As precárias condições de saúde, emprego e moradia das camadas de mais baixa renda, a subnutrição, o analfabetismo, o trabalho infantil, a prostituição de menores, a violência urbana, etc., todas essas são, como mencionamos anteriormente, possíveis “traduções” ou portas de acesso ao entendimento da exclusão social.

V. COMENTÁRIO FINAL: TRADUÇÃO E PENSAMENTO MULTIDIMENSIONAL

As operações de tradução na pesquisa científica, tal como expusemos acima, não são apenas instrumentos hermenêuticos de interpretação da realidade e de seus significados. Mais do que isso, podem ser vistas como etapas sucessivas de uma viagem através da multidimensionalidade do mundo, tendo como meio de transporte os instrumentos conceituais, analíticos e operacionais de representação utilizados para desvendar o território até então desconhecido do tema ou questão sob investigação. Um dos resultados dessa viagem é que ela força o pensamento a reconhecer a natureza multidimensional do mundo e de seus múltiplos significados. Trata-se, portanto, de uma viagem de descobertas “por mares nunca dantes navegados”, cujo resultado é expandir e alargar o universo de significados possíveis, os quais são trazidos à luz ao longo do percurso.

A relação entre tradução e pesquisa científica nos leva, assim, a expandir o significado das próprias atividades de pesquisa para além do significado instrumental, mais imediato, que vê nelas meros procedimentos metodológicos ou técnicas de investigação. O que emerge ao final do processo é um significado implícito, mais profundo; um metassignificado, que nos leva a descobrir na prática da tradução o próprio segredo do ato de conhecer. Pois, se a produção de conhecimentos novos se dá por meio de operações de tradução, isso só pode significar que **conhecer é traduzir**. É neste sentido que pensamos aplicar-se à tradução na pesquisa científica o que MORIN (1987:51) chama de “tradução construtiva” ou “construção tradutora” no processo de conhecimento.

Para MORIN, conhecer é primariamente computar e o processo de conhecimento um conjunto constituído pelas operações de tradução/construção/solução. No âmbito desse conjunto e através da articulação de

informações e signos, a partir de regras que governam os cálculos, operações perceptivas e raciocínios (o chamado “logicial”), o papel da tradução construtiva é o de constituir sistemas cognitivos que permitam à construção tradutora adequar-se à realidade que se trata de conhecer, sendo justamente este problema cognitivo da adequação o primeiro para o qual é preciso encontrar solução. Nas palavras do autor, à semelhança do que pensa LÉVY-STRAUSS acerca do que significa significar, como vimos anteriormente, “*o conhecimento não poderia refletir directamente o real, só pode traduzi-lo numa outra realidade*” (MORIN, 1987:51).

Traduzir é uma operação inerente a qualquer processamento de informação, transmissão de mensagem ou ato de comunicação; e isso é tão verdadeiro na ciência, quanto na literatura ou na poesia. No entanto, a problemática da tradução como ato de fidelidade ou infidelidade com relação à transposição de significados de um idioma para outro, tal como sucede no campo linguístico-literário, é completamente estranha à modalidade de tradução efetuada no campo científico. Aqui, em contraste com o que vemos na dialética de valorização/desvalorização entre um original e sua cópia, ou com relação ao “trauma” do tradutor, como se dá naquele primeiro campo, traduzir é uma atividade criativa. No campo científico não estamos tratando de cópia e de original, mas, como vimos, de revelar as múltiplas facetas de um mesmo original que, à semelhança de uma obra aberta, permite várias leituras ou interpretações simultâneas. Neste campo, portanto, uma determinada linha de interpretação poderá ser acusada de oferecer uma representação incorreta, incompleta ou até mesmo falsa do mundo, mas o reconhecimento da natureza multidimensional desse último dificilmente poderia condenar as operações de tradução envolvidas no processo como atos de “traição” a uma forma única ou “fiel” de expressão.

Entre esses dois campos de tradução, o da pesquisa científica e o do texto literário, há, no entanto, uma problemática comum referente à transculturação. Em ambos os casos temos a ver com estar nas fronteiras de diferentes domínios, o que automaticamente coloca a tradução no centro de uma questão de poder. Estamos fazendo referência ao poder do tradutor enquanto detentor de informações que permitem entender o que se passa nos dois lados da fronteira, condição que o torna agente estratégico, tanto para o estabelecimento como para o bloqueio da comunicação entre os dois lados. Este é o poder que, se por um lado, possibilita a transculturação de idéias e o dialogar de teorias e paradigmas, por outro, torna possível, simultaneamente, abalar tradições estabelecidas; vale dizer, abalar antigas posições e estruturas de poder. Todo tradutor torna-se, pois, uma espécie do que MORIN chama de “contrabandista dos saberes” (PESSIS-PASTERNAK, 1993:83); uma posição que implica em expor-se a ser atingido pelos guardas da fronteira, muitas vezes de ambos os lados.

Contudo, no campo científico correr o risco de ser atingido não só faz parte do jogo de busca da verdade, como vale a pena. Isso porque entender o conhecimento como processo de tradução leva o pesquisador, ativamente, a fazer

com que as teorias e disciplinas, com as quais trabalha, dialoguem entre si. Assim, reconhecer que o que diz uma delas, ao focalizar um determinado nível de organização do real, pode ser no fundo o mesmo que diz a outra, apenas expressando-se de modo diferente ao lidar com um outro nível de organização, permite que elas possam ser traduzidas umas nas outras. Com isso, abre-se a porta da transculturação também no interior do campo do conhecimento científico, uma vez que essas traduções implicam simultaneamente no diálogo entre as tradições e culturas estabelecidas pelas diferentes matrizes teóricas e campos disciplinares – com seus rituais, princípios e valores expressos na linguagem conceitual, nas práticas operacionais e nos modos de pensar que as caracterizam. Previne-se, com isso, que essas matrizes fiquem cristalizadas e correndo o risco de, com o passar do tempo, transformarem-se em seu contrário. Ou seja, como alerta BACHELARD (1996:17), deixando de ser instrumentos e ferramentas do conhecimento para tornarem-se, no âmago do próprio ato de conhecer, causas de lentidão, conflito, inércia, estagnação e até mesmo de regressão, as quais o autor designou de *obstáculos epistemológicos*. É o que pode ocorrer, p. ex., no caso de conceitos que, uma vez estabelecidos, sejam apenas repassados e reproduzidos, sem jamais serem investigados em busca de novas significações que porventura possam estar neles implicadas à espera de serem trazidos à luz do dia.

Enfim, conceber o conhecimento como tradução é *last, but not least* deter uma poderosa ferramenta para desbloquear o pensamento de suas fixações e abri-lo para a complexidade. Desbloqueá-lo de fixações ao nível abstrato, fazendo com que seja capaz de traduzir os raciocínios gerais e abstratos simultaneamente nas práticas que lhes são correspondentes (em vez de permanecer eternamente fixado em concepções abstratas como, p. ex., “o sistema”, “o neoliberalismo”, “a globalização”, etc.). E desbloqueá-lo também ao nível do pensamento concreto, que ocorre quando, em nome de uma suposta singularidade absoluta de tudo o que existe, do ineditismo de cada subjetividade e de cada processo histórico, não se consegue sair do chão de terra empiricista do caso particular e concreto para pensar em termos de padrões ou efeitos gerais e conjuntos. Enquanto no primeiro caso só se consegue pensar a floresta, mas não as árvores, no segundo, ao contrário, só é possível pensar as árvores, cada uma em particular, sem jamais, no entanto, poder ver a floresta. Ora, o conhecimento será tão mais verdadeiro, ou adequado ao mundo, quanto maior sua capacidade para captá-lo de modo multidimensional e complexo. Ou seja, quanto maior for sua capacidade para apreender o eterno fluxo entre as partes e o todo; ou, dito de outro modo, entre as duas pontas desse espectro de dimensões e níveis de organização que é o todo concebido, como o faz BOHM (1992), como hólomovimento. Em suma, é pensar na árvore e simultaneamente na floresta; ou vice-versa, independente do ponto de partida..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. 14^a. Ed. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1993.
- BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- . *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACKHAUS, Hans-Georg. "Zur Dialektik der Wertform". In: SCMIDT, Alfred. (Org.) *Beiträge zur marxistischen Erkenntnistheorie*. 4^a. ed. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1972. P. 128-52.
- BARBOSA, Eva Machado. "Conhecendo o conhecimento: questões lógicas e teóricas na crítica da ciência e da razão". *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pós-graduação em Sociologia. V.10, 1998. p. 9-35.
- BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Pensamento, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MORIN, Edgar. *O método 3: O conhecimento do conhecimento/I*. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1987.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- PIAGET, Jean. *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Cultural Journalism and Criticism Tradition in Brazil of 1900

Léa Masina¹Tradução: Maria Elisabeth U. Loeffler²Revisão: Neusa da Silva Matte³

Alejo Carpentier, in his speech at the First Congress of Cuban Artists and Writers, in Havana —1961, comments on the reception of Latin-American artists, musicians and writers of the 19th century. According to him, painters and musicians have submitted their work to the exclusive judgement of the European public, since the local people didn't seem to be able to evaluate the quality of their works. An analogous tendency is observed among the writers, with the sole difference that Latin-American intellectuals have frequently maintained a richly documented dialogue through letters and newspaper articles. Therefore *as soon as they became aware of their nationalities, their nativism and its volitions*, they tried to *exchange messages (...), set a dialogue, being beforehand united by a number of common essential concepts* that would transcend the time⁴. Mutual acceptance as well as the adhesion to certain ideas have triggered some century-long polemics and public discussions. As they stated ideological questions such as nationality, South America's unity or the River Plate region unity, poverty in the pampas and interests of the leading social classes, the Latin-American intellectuals of the 19th century manifested the contradictions of a century that imitated in order to understand and define.

In the political context, the North American constitution, though copied by many countries, was dissociated from the social-historical conditions of each nation. In literature, *the models stood there: available, prestigious, having an already approved and fixed course*⁵. This happened not only to Argentine, but to

¹ Professora do Departamento de Lingüística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS e do PPG-Letras. Doutora em Literatura Comparada - UFRGS

² Ex-bolsista do Núcleo de Estudos da Tradução do Instituto de Letras. Professora Substituta no Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS

³ Tradutora e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Tradução. Coordenadora do NET de 1996 a 1998. Mestre em Literatura Anglo-Americana - UFRGS

⁴ CARPENTIER, Alejo. *Literatura y consciencia política en América Latina*. Madrid: Alberto Coón, 1969. p. 47.

⁵ '(...) los modelos estaban allí, disponibles presigiados, con un rumbo ya probado y sacralizado' - 'the models were there: available, prestigious. ALAZRAKI, Jaime. Los nuevos modos de Expresión: la novela. El caso de Argentina. In: PIZZARRO, Ana.(Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, v.2, p. 341-357.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n° 11, p. 19-24, jul-set, 2000.